



Em primeiro plano um dos muitos casais que a política de clemência do Partido FRELIMO voltou a unir. Ao fundo alguns dos homens libertos em 1979 do Centro de Chiputo habitando agora em M'sawize com uma segura perspectiva de vida. (Foto de Domingos Elias)

# Reeducação e legalidade fabricam Homem Novo

29/8/79

Para nós o ponto nevrálgico é fabricar o Homem Novo — considerou o Presidente Samora Machel ao iniciar a sua recente visita ao Niassa, quando se reunia com o Governo Provincial. Posteriormente, nessa mesma visita, ao oferecer uma recepção acrescentaria:

Aqui, em Niassa, estão moçambicanos de todas as etnias, de todas as regiões, de todas as cores. Estão também homens vindos de todos os continentes, de países socialistas, outros de países capitalistas. Todos, moçambicanos ou não, vivem em solidariedade, com harmonia e carinho. Todos estão aqui a construir a paz, o bem-estar, a felicidade. Foi por isto que lutámos.

Pensar há dez anos atrás no Moçambique que hoje temos não cabe nos limites da imaginação de qualquer um de nós. Contudo, a verdade é que hoje temos aqui e agora esse Moçambique já uma realidade. Acontece que por vezes não nos damos conta desta realidade, de toda a transformação que já se operou.

Referindo-se especificamente à situação daquela província que foi o «desconhecido Niassa», o Presidente Samora Machel, com boa dose de ironia disse: Cristo também nunca soube que tinha uma auréola na cabeça, tal como Marx e Engels nunca souberam que seguiríamos o Marxismo.

O Homem Novo não é de facto nada de abstracto. Homem Novo é o que cada um entre a maioria dos doze milhões de moçambicanos o é cada vez mais, não havendo limites para o ser. Nesta Revolução transformámo-nos, transformando já profundamente as relações entre nós próprios e entre cada um de nós e o mundo. Tal como Cristo nunca se deu conta da auréola que tinha, também nós, esmagados pelas preocupações do quotidiano, não nos damos conta das transformações que já operámos.

De vez em quando temos de «parar» e reflectir nestas pequenas-grandes coisas. A viagem do Presidente Samora Machel ao Niassa proporcionou uma dessa «paragens para reflectir». Na primeira reunião com o Governo Provincial, Samora Machel explicou o que queremos com esta profunda e ampla transformação. Sublinhou

que Niassa tem um papel importante como centro de admiração do esforço do homem, como centro de valorização da vida do homem.

Os religiosos falam de amor ao próximo. Mas o nosso amor não pode ser abstracto. Tem de ser concreto, porque resulta das preocupações comuns, resulta do trabalho que realizamos em conjunto e depois da apreciação do resultado do nosso esforço... Só se ama o que se conhece em substância.

E, pois, no esforço e empenho de cada um nesta batalha para vencermos o subdesenvolvimento que aprendemos a respeitarmo-nos e a admirarmos o que mais se destacam. E neste processo que as nossas relações se transformam, transformando-nos. E nesta marcha que somos cada vez mais o Homem Novo e nos amamos.

Nesta amplo processo há porém um problema. O Presidente Samora Machel colocou-o: Mas se alguns de nós são vagabundos, são preguiçosos como é que nos vamos amar?

Há homens que viveram como instrumentos da máquina de opressão colonial e cometeram crimes bárbaros contra o povo. Há homens que foram marginalizados e aprenderam a viver do roubo e muitas outras formas de crime. Há homens em cuja formação intelectual não cabe ainda a transformação e reagem contra ela. Em suma, há homens destruídos e bloqueados por um passado recente que precisam de ser reconstruídos e libertos.

A andaná-los à sua sorte é prosseguir a sua destruição e marginalização. Aprisionar indiscriminadamente os que caírem sob a alçada da lei é não acreditar que alguns deles podem, aqui e agora, ser transformados. O nosso poder para impor a ordem e tranquilidade, para defender a Revolução tem de ser exercido, mas com criatividade.

É aqui que tem lugar a reeducação. Trata-se de cumprirmos com o princípio de que nunca rejeitamos o homem. É uma grande conquista do nosso Partido: política de clemência e acreditar na transformação do homem.

Temos já uma boa experiência na prática da reeducação. Ao

longo dessa experiência cometemos contudo alguns erros. Para valorizar essa experiência, para fazermos da reeducação um instrumento de criação do Homem Novo temos de a repensar. Foi isso que o Presidente Samora Machel questionou durante a sua recente visita ao Niassa.

Se para nós o ponto nevrálgico é fabricar o Homem Novo, temos de definir correctamente o que é um campo de reeducação e quais os seus objectivos. Tem de saber primeiro, com clareza, o que quer dizer reeducação. Fechar o homem entre quatro paredes durante 11 anos e depois dizer que sim, já é Homem Novo?

Quais os comportamentos que nos levam a conduzir um indivíduo para o campo de reeducação? Que tipo de política deve incidir sobre esses homens? Tem de haver como que um gráfico, um termómetro para medir correctamente o que é que cada um fez e ver depois como é que se desenvolve, para quando atingir um certo grau sair do campo.

Há que ter em consideração aspectos políticos, sociais e culturais. Que tipo de trabalho se deve realizar para o que matou e para o que é drogado, para o que falta ao respeito aos símbolos nacionais, às leis da República Popular de Moçambique, para o que vende segredos de Estado ao inimigo, para o que provoca a intranquilidade e insegurança, para o que fez sabotagem económica? Em cada um destes casos o que fazer e como fazer?

Estas questões apontam para a necessidade de se corrigirem alguns erros que se têm verificado na prática da reeducação. O tratamento indiferenciado de diversos tipos de crimes traduz-se em injustiças. A inexistência de uma metodologia de reeducação específica adaptada a cada tipo de caso traduz-se num trabalho inconsequente. Estes erros têm de ser corrigidos porque na reeducação o objectivo não é castigar, mas integrar o homem que se transformou na sociedade.

Há por outro lado a questão da legalidade. Devemos ser também severos na defesa da legalidade contra aqueles que abusam do poder, que utilizam o Governo para satisfazer os seus interesses mesquinhos e secundários.



Familiares de antigos reeducandos que agora, em M'sawize reconstruíram os seus lares. (Foto de Daniel Maquinasse)

Na visita que efectuou ao centro de reeducação de Namacambala, em M'sawize, o Presidente Samora Machel tomou contacto com alguns destes casos. Já em 1979, ao visitar Unango, observou o mesmo.

Alguns reeducandos encontravam-se ali, porque contra eles foram movidas intrigas. Num dos casos um cidadão foi detido e enviado para a reeducação, para que o promotor desta acção se apropriasse dos seus bens. Nos casos detectados, depois de uma análise, a legalidade foi defendida e os autores desta manobra severamente punidos. Em algumas situações houve lugar para indemnizações e restituição de bens.

Esta questão é considerada particularmente delicada, pois as ilegalidades conduzem à destruição da importância política e social de uma conquista da nossa Revolução, a reeducação, a nossa capacidade de reintegrar e reconstruir o homem.

Nesta nossa experiência, com deficiências e erros, avançámos. Com esta experiência libertámos homens que noutras condições continuaríamos marginalizados, que noutras revoluções teriam sido pura e simplesmente fuzilados. Transformámos a nossa sociedade transformando-nos nós, aqui em Moçambique, incluindo esses. Tal como Cristo, temos essa auréola de que por vezes não nos damos conta.

Vimos isso em M'sawize quando o Presidente Samora Machel falava a antigos traidores que, em 79, foram libertos do centro de Chiputo. Hoje estão em M'sawize, muitos deles já com as suas famílias, a sua casa, o seu trabalho. Em breve iniciar-se-á na zona um projecto de desenvolvimento agrícola, assente na construção de um regadio. Hoje têm uma perspectiva segura na sua vida, antes não.

O Presidente Samora Machel falou com eles. Em conjunto, com a heróica população de M'sawize, mostraram o que já fizeram. A breve conversa foi de facto um filme único sobre o contraste de perspectiva de vida antes e agora. Foi um filme único sobre o poder e criatividade da Revolução moçambicana.